



**IMPACTO PÓS PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO NO AMAZONAS: ENSINO
PRIVADO**
**POST-PANDEMIC IMPACT ON LITERACY IN THE AMAZON: PRIVATE
EDUCATION**

COSTA, Káren Jennifer de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo visa fazer análise dos impactos da pandemia do covid-19 na alfabetização brasileira com um enfoque em uma escola privada do Amazonas. Apresenta e comenta os desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores após o retorno às aulas presenciais para efetivar o processo de escrita e leitura e revela as medidas tomadas pela escola para que este quadro pudesse ser atenuado ou mesmo superado. Nesta análise quatro professoras foram ouvidas e suas quatro salas de aula foram avaliadas para demonstrar os avanços dos alunos ao longo dos meses. Os dados coletados apontam para as limitações que a modalidade do ensino remoto deixou no processo de ensino e aprendizagem. As intervenções diante disso, apontam um caminho a ser seguido para remediar tais impactos da pandemia.

Palavras-chave: Alfabetização. Pandemia. Impacto.

ABSTRACT

This article aims to analyze the impacts of the covid-19 pandemic on Brazilian literacy with a focus on a private school in the Amazon. It presents the challenges that were faced by literacy teachers during the writing and reading process and reveals how the school made a decision so that it could be mitigated or even overcome. In this analysis, four teachers were heard and their classes were verified to observe the progress they presented over the months. Remote teaching teaching data is provided as a learning modality and remote teaching process. Interventions in the face of this point out a path to be followed to remedy such impacts of the pandemic.

Keywords: Literacy. Pandemic. Impact.

¹ Graduação em Pedagogia pela AUFES e pós-graduação em Alfabetização e Letramento pela Faculdade FaSouza. karen_jennifer31@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em 2020 uma notícia mundial abalou o mundo: pandemia do covid-19. Os governos do mundo inteiro tomaram medidas emergenciais para conter a contaminação que se alastrava em grande escala. Em 23 de março de 2020, o governo do estado do Amazonas declarou estado de calamidade pública. Dentre outras medidas, o fechamento de escolas obriga as instituições a pensarem em uma maneira de dar continuidade ao ensino diante da incerteza sobre início, fim e cura para a pandemia.

O ensino remoto neste contexto é indicado como solução emergencial. Escolas públicas e privadas passaram a buscar estratégias para levar o conhecimento para seus alunos, o que se tornou um desafio, pois, os professores tiveram que se reinventar e aprender a usar as tecnologias digitais de forma súbita. Professores e alunos não foram preparados para este momento. Muitos alunos não tinham acesso à internet para continuar acompanhando as aulas tendo pouco ou nenhum contato com o professor. Os que tinham acesso, apesar do contato ao vivo desconcentravam-se e perdiam o interesse com facilidade. O tempo de atenção tornou-se curto diante das telas por meio da qual passariam agora a serem ensinados. Foi inegável o comprometimento da aprendizagem por esta ruptura no modelo de ensino. A possível queda nos dados sobre alfabetização tornou-se uma preocupação constante. Será que o aluno em condições tão desfavoráveis, poderia ser alfabetizado? Somente o futuro mostraria.

No início do ano de 2022, as aulas voltaram a ser presenciais no estado do Amazonas. Este artigo busca verificar em que nível de aprendizagem os alunos das turmas de alfabetização retornaram ao ensino presencial e quais os impactos negativos percebidos pelas professoras e apresentados pelos alunos. Revela que o despreparo da comunidade escolar, professores e alunos de fato trouxe resultados pouco satisfatórios em maior ou menor grau tanto no ensino público quanto no privado e faz uma reflexão de propostas metodológicas para remediar efeitos danosos na aprendizagem em uma escola privada na Região Norte de Manaus, Amazonas. Para isso, na parte inicial é realizada uma análise do ensino remoto em ambos os setores

e considerações sobre dados da alfabetização na pandemia. Em seguida, é feita inquirição dos resultados de uma pesquisa qualitativa realizada através de questionário destinado a quatro professoras das turmas de alfabetização. Também é apresentado análise dos resultados da avaliação da escrita realizada nas turmas de 1º ano do ensino fundamental da escola e finaliza apontando propostas metodológicas para superar os desafios observados.

2. A EDUCAÇÃO REMOTA NA PANDEMIA

No dia 23 de março de 2020, a secretaria de educação em parceria com a emissora de televisão Encontro das Águas criou o Projeto “Aula em casa”. O projeto consistia em repassar conteúdos gerais por meio de horários específicos para cada série através da emissora. Os professores passariam a ser mediadores e deveriam passar atividades em consonância com os temas apresentados. Sobre o projeto, Oliveira e Alenquer (2020) ressaltam a diferença entre o conteúdo que era transmitido online e o que os professores enviavam para os alunos. Os docentes tentavam adaptar um conteúdo que os pais dos alunos tivessem mais familiaridade, voltando-se para os velhos métodos de alfabetização como cartilhas por exemplo. O projeto estava servindo apenas para

[...] cumprir a carga horária e repasse de conteúdos, sem, contudo, promover a interação entre os pares e, muito menos, a aprendizagem significativa dos mesmos, relativizando com isso, uma educação de qualidade.” Partindo dessa perspectiva, o projeto foi uma afirmação ilusória de que algo estava sendo feito, porém na prática desigualdades de oportunidade, acesso e permanência impediam que a iniciativa chegasse ao objetivo. (OLIVEIRA e ALENCAR, 2020).

Por outro lado, nas escolas privadas, o acesso a internet e aos livros possibilitou maior aprendizagem neste período em relação às escolas públicas. Assim que as aulas presenciais foram suspensas a escola convocou os professores para instruir sobre as novas ferramentas digitais que usariam para as aulas não pararem. Além disso, a maioria dos pais já tinham os materiais necessários e acesso a internet. Segundo Huschel (2020), o aplicativo Google Meet, foi o meio pelo qual foi possível

maior interação ao vivo entre professor e aluno, podiam tirar suas dúvidas e mostrar seus trabalhos. Desse modo, os professores poderiam tirar as dúvidas do aluno ao vivo. De acordo com uma pesquisa realizada Miranda e Alves (2021),

Boa parte das escolas particulares, segundo seus professores, aderiram ao formato de ensino virtual, ofertaram qualificação e disponibilizaram materiais didáticos apropriados. Também existe considerável diferença na participação dos alunos. (Miranda e Alves, 2021).

Apesar de maior possibilidade de acesso, de acordo com Lima et al, (2020), os professores relataram pouco engajamento dos alunos, e má formação dos professores ao modelo remoto. Professores também ressaltam que o modelo remoto ainda não substitui o modelo presencial de ensino e precisaria de muitos ajustes para ser eficaz.

Com isso pode-se constatar que apesar de nas escolas privadas os professores, alunos e pais terem maior possibilidade de acesso à internet ainda é possível perceber os efeitos negativos que o ensino remoto deixou na educação e na alfabetização, o que remete a

Importância do trabalho docente presencial, à potência das interações professor-criança e das crianças entre si, às redes de relações e aprendizagens que se processam na sala de aula e que foram obstruídas pelo distanciamento social imposto pela pandemia. (EM REDE, 2020, p.193).

Para que o processo de alfabetização seja consolidado precisa haver interação entre professor e aluno. Habilidades precisam ser desenvolvidas neste processo tão singular que é a aprendizagem das letras, sons e palavras da nossa língua. A Pandemia mostrou que nenhum sistema de ensino por mais interessante que seja, substitui o vínculo interpessoal, afetivo e emocional que tornam o ambiente propício para que a aprendizagem aconteça de forma efetiva.

Diante das consequências prejudiciais do covid-19 a Educação, precisa-se agora investir em atitudes que possam recuperar a aprendizagem perdida, rever o currículo escolar e melhorar o acesso à tecnologia, investir em formações docentes e uso de novas estratégias de ensino na educação.

3. ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

O alto índice de analfabetismo no Brasil já era um problema antes da pandemia. Os dados do IBGE de 2019 apontam para cerca de 11 milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever, sendo a Região Norte a que apresenta a segunda maior taxa. Conforme a nota técnica da ONG Todos Pela Educação, no que tange a alfabetização de crianças de 6 a 10 anos houve um crescimento de 66,3% em apenas dois anos. Tais dados apresentam um desafio emergente para a educação brasileira que precisa agir agora e com urgência para reverter este cenário.

Diante disso, constata-se que no período da pandemia as atividades de alfabetização tiveram pouca ou nenhuma influência no processo de aprendizagem, o que ratifica que de fato a alfabetização é um processo que necessita da interação professor/aluno/colegas para obter sucesso. ABALF (2021, p.1) reforça esta ideia quando ressalta que a etapa da alfabetização, “[...] requer processo específico de interação constante entre professores e alunos, de modo que as ferramentas digitais apresentam limitação nesse sentido”.

Para Soares (2020) a aprendizagem da escrita por não ser um processo natural assim como a fala que se aprende espontaneamente, precisa ser ensinada através de “métodos fundamentados em teorias e princípios psicogenéticos que iluminam os processos cognitivos e linguísticos da progressiva construção dos conceitos linguísticos pela criança” (p, 335). A autora defende ainda um ensino direto e explícito onde o alfabetizador levará a criança a construção e reconstrução de hipóteses sobre a escrita. O ensino remoto criou um bloqueio para este tipo de ensino, pois diante dos poucos momentos em que os professores conseguiam ficar online com os alunos, fazer tal exposição mostrava-se um desafio já que a atenção dos alunos nas telas para o professor era breve.

Em seu livro “Alfabetização a questão dos métodos”, Soares (2020) traz ainda uma visão ampla do processo de alfabetização em contexto de letramento. Tal processo precisa acontecer permeando três eixos: linguístico, interativo e sociocultural. Se o indivíduo obter mais estímulo em um do que em outro pode haver um bloqueio ou insucesso em sua alfabetização. Deste modo, em reflexão as metodologias utilizadas no ensino remoto, nota-se que nem todas estas facetas puderam ser estimuladas corretamente e isto causou um déficit na aprendizagem

alunos. Os docentes tiveram a oportunidade de utilizar o letramento ao adaptar atividades para realidade do aluno, porém houve pouco estímulo interativo e linguístico, uma vez que as atividades propostas nem sempre conseguiam atingir seu objetivo final seja pela falha na comunicação, pouco estímulo ou despreparo dos pais para efetivar determinada aprendizagem em consonância com a expectativa do professor.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO COM AS DOCENTES

A coleta de dados foi realizada em uma rede privada de ensino na região Norte da cidade de Manaus Amazonas. Um questionário foi aplicado a quatro professoras do 1º ano do ensino fundamental por meio da ferramenta digital *google forms*. As 4 professoras serão denominadas de professora P1, P2, P3 e P4. Os resultados aqui analisados refletirão a visão das professoras no que tange ao processo de alfabetização durante e após a pandemia.

A primeira pergunta do questionário teve como objetivo demonstrar quais as maiores dificuldades que elas tiveram no ensino remoto. A P1, enfatiza que sua maior dificuldade foi em relação ao alcance dos alunos através do uso de plataformas tecnológicas. A P2 cita que seu maior desafio foi produzir vídeos. Conforme Rondini (2020), “[...]. Os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial.” (p. 3). A falta de preparo por parte da equipe docente para trabalhar com as tecnologias pode ser considerado um dos fatores para pouca efetividade no ensino remoto.

P3 e P4 ressaltam que no ensino remoto a concentração dos alunos era mais difícil, sendo este seu maior desafio, mantê-los concentrados na aula. Com base na fala da docente observa-se que mesmo com o acesso dos alunos, a falta de concentração foi uma barreira no processo de ensino aprendizagem durante as aulas online.

Sobre os impactos negativos nas suas turmas de 1º ano no início deste ano as professoras relataram o seguinte: a P1 menciona que percebeu tais impactos em sua turma deste ano e os atribui a ineficácia do ensino remoto, devido as crianças serem pequenas e não terem capacidade de concentração por muito tempo diante das telas para absorção dos conteúdos, conforme fala a seguir:

A falta de eficácia de aulas on-line, especialmente para crianças mais novas. Segundo os pais, elas não têm ainda capacidade de concentração suficiente, para ficar muito tempo focadas na tela do celular ou televisão para absorção do conteúdo.

Conforme a fala da professora é possível constatar novamente que mesmo as crianças tendo acesso a internet para as aulas online, ainda assim foram prejudicadas por não estarem cognitivamente preparadas para permanecer por muito tempo expostas às telas. O que corrobora com a fala da P3 e P4 na primeira pergunta do questionário. A P2, enfatiza que a maioria de seus alunos chegaram ao 1º ano da alfabetização sem os conhecimentos básicos. E a P3, narra que percebeu maior desconcentração por parte das crianças. A P4, conta que seus alunos chegaram no início do ano sem conhecer as letras do alfabeto e a maioria em nível pré-silábico. Ela atribui isso aos poucos estímulos que receberam no jardim III ano passado em virtude da pandemia. P4 ressalta que:

Sim. A maioria chegou em nível pré-silábico. Muitos não conheciam as letras e seu som. Estas mesmas crianças tiveram pouco estímulo pois quase não estudaram na pandemia. Era difícil manter a concentração de 1 ano, de jardim mais ainda. A concentração era muito rápida, logo perdiam o interesse em permanecer nas telas com a professora. Acredito que este seja um fator para que tenham chegado ao 1º ano sem os conhecimentos básicos necessários.

A P4 cita crianças chegando ao 1º ano sem o conhecimento das letras e seus sons, o que confirma a fala da P2 ao citar que chegaram ao 1º ano sem os conhecimentos básicos.

Constatou-se pelo relato das professoras entrevistadas que mesmo em tempo real através da ferramenta Zoom Meet, estar condicionado a uma tela por tempo além do esperado deixava os alunos entediados, sem concentração e pouco interessados nas aulas. Denotam essas as causas para o pouco rendimento dos alunos apesar de maior acessibilidade se comparado a escolas públicas. Sabe-se que a motivação e interesse fatores fundamentais para que a aprendizagem aconteça, estar tempo

demasiado nas aulas não favorecia a compreensão de todos os conteúdos. Camargo et al. (2019).

A motivação para a aprendizagem tornou-se uma chave para a educação, a sua ausência representa queda de qualidade na aprendizagem. Alunos motivados a aprender estão aptos a se engajar em atividades que acreditam que os ajudarão a aprender, como acompanhar cuidadosamente a instrução, organizar mentalmente e ensaiar o material a ser material a ser aprendido.

Se por um lado o ensino privado possibilitou a oportunidade de os estudantes aprenderem em tempo real, por outro lado, o tempo não poderia ser extenso, pois além da clara desmotivação do aluno, também poderia trazer malefícios ao seu desenvolvimento. De acordo com em um estudo realizado por Queiroz (2020),

Mais tempo geral nas telas, todos os dias, independentemente da proposta de utilização ou mesmo da qualidade dos conteúdos, trazem implicações para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Ancora-se nos resultados das pesquisas que confirmam os efeitos do excesso do TT no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, para instigar reflexões e indicar a necessidade de atenção e acompanhamento de pais e educadores, especialmente, nesse momento de isolamento social e de aprendizado virtual.

A prática apenas confirmou que expor as crianças a um tempo maior que o recomendável não traria bons resultados, pois perderiam a concentração e o interesse. Em virtude disso, Hooker (2020) sugere algumas dicas como evitar longos períodos de tempo acadêmico e, se possível, dividir o aprendizado em períodos da manhã e tarde. É necessário estar atento ao tempo de concentração da criança que é proporcional à sua idade.

Em um estudo realizado por Barros e Machado (2021), para mesurar dados sobre a Perda de Aprendizagem na Pandemia, aponta que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais. Tal informação corrobora a fala das professoras que mencionam perceberem este déficit na aprendizagem dos alunos de 1º ano no início do ano de 2022.

A terceira pergunta foi: Você acredita que o ensino remoto tem o mesmo potencial de aprendizagem da educação presencial? Por que? Todas as professoras responderam que não. Pois de acordo com elas, no ensino remoto não existia o contato direto entre professor e aluno, não tinha a prática e nem um bom acompanhamento das tarefas; não conseguiam esclarecer todas as dúvidas e no

ensino presencial é possível ter interação e dinâmica, há menos distrações e o ambiente escolar propicia evolução da aprendizagem. Além disso ressaltam que no ensino presencial conseguem detectar melhor as dificuldades de aprendizagem.

Considerando que a alfabetização é um processo que exige afetividade, interação entre pares, jogos, brincadeiras, leituras, conversas, dramatizações, registros diversos, livros e outros materiais[...] (ABALF, 2020,p.1), entende-se o desenvolvimento do aluno pode ser afetado pelo ensino remoto por apresentar limitações diversas nesses sentidos, o que corrobora o que Cunha (2020) disse “Para os alunos a ausência dos colegas e especialmente do professor no processo, ainda mais tão subitamente, pode afetar significativamente o rendimento deles.”(p.8).

Apesar de ter sido a solução em meio a pandemia, os efeitos catastróficos do ensino remoto apareceram no ano seguinte com um déficit grande na aprendizagem das crianças.

5. RESULTADO DAS SONDAgens NAS TURMAS E PROPOSTAS DE METODOLOGIAS PARA INTERVENÇÃO

Em 2022, ano após pandemia, as sondagens realizadas demonstram os impactos da pandemia na aprendizagem das crianças através da hipótese de escrita que elas revelam.

Foram acompanhadas a evolução de quatro turmas por meio de três avaliações, realizadas nos meses de abril, junho e setembro. A cada dois meses foram feitas sondagens para verificação dos níveis de escrita. As sondagens foram feitas através de ditados de palavras com diferentes estruturas silábicas e quantidade de sílabas. Morais (2012, p 63), afirma que “as crianças que atingem uma hipótese silábico-alfabética já estão quase em sua totalidade a salvo do fracasso escolar que gera analfabetismo”. A análise de dados partiu dessa perspectiva. Foi analisada a cada sondagem o número de crianças que já haviam chegado a esta hipótese de

escrita. De cada turma uma criança em nível pré-silábico foi acompanhada para ver seu processo individual de desenvolvimento da escrita ao longo dos meses.

Na primeira sondagem os dados apontam considerável quantidade de alunos pré-silábicos nas turmas de alfabetização. A porcentagem de aluno silábico-alfabéticos era de apenas 44% no 1 ano A e B, 29% no 1 ano C e 39% no 1 ano D.

Os resultados da primeira sondagem mostram que no início do ano, mais da metade das turmas estavam em níveis iniciais da escrita, o que aponta para pouca sensibilidade ao som e conhecimento das letras e falta de estímulo de consciência fonológica. Segundo Moraes (2012, p.54) na fase inicial pré-silábica, “a criança ainda não descobriu que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora, isto é, a sequência de pedaços sonoros das palavras que falamos.” caracteriza-se pelo não entendimento de que as palavras são constituídas por sílabas e que cada som pode ser representado por letras. Vale ressaltar que estas mesmas crianças tiveram poucas oportunidades de aprendizagem no ano anterior, pois estavam no último ano da Educação Infantil e tiveram poucos estímulos no ensino remoto.

A partir dos dados da primeira sondagem, por meio da Coordenação Escolar foram propostas duas formações continuadas para investimento intencional em três categorias de aprendizagens que passariam a ser intensificadas para tentar remediar os efeitos colaterais do ensino remoto, partindo do pressuposto de que no processo de alfabetização “conceitualização da escrita, consciência fonológica, reconhecimento das letras se desenvolvem em paralelo influenciando-se mutuamente” (Soares 2020, p 237). Tais eixos de aprendizagens estavam embasadas teoricamente nos estudos de Soares (2020) e Moraes (2012) e Ferreiro (1999).

O primeiro eixo a ser enfatizado foi o conhecimento explícito das propriedades do Sistema de Escrita Alfabético com atividades com ênfase nos níveis de escrita através da escrita espontânea e produção textuais dos alunos. Ferreiro e Teberosky (1999) sob a perspectiva da psicogênese da língua escrita explicam que a aprendizagem da criança acontece através de hipóteses que são feitas da escrita e da leitura de acordo com o nível em que se encontra. No 1º ano as produções textuais aconteceram em forma de escrita espontânea com listas de palavras e produções textuais coletivas tendo o professor como escriba.

Soares (2020) ressalta que através da escrita espontânea ou inventada é possível saber os níveis de escrita pelos quais a criança passa e ajuda a entender como estas três categorias estão sendo desenvolvidas. É necessário investir em atividades em que as crianças possam refletir sobre as palavras de nossa língua em um contexto letrado e ao mesmo tempo percebendo as propriedades do sistema de escrita alfabético. A autora afirma ainda que “os resultados das pesquisas que investigam o impacto da escrita espontânea sugerem alternativas de mediações pedagógicas que podem atuar na progressão da escrita com resultados positivos” (p.240). Ou seja, através da escrita espontânea e análise das palavras os alunos podem avançar nas hipóteses de escrita.

A segunda vertente seria a ênfase em atividades de consciência fonológica para 1º ano. Morais (2012) constatou a partir de investigações realizadas na prática que a consciência fonológica é uma habilidade necessária ao avanço para a fase silábica com atividades de segmentação de palavra orais em sílabas, conferência e análise do som da letra que aparece em cada sílaba. Por isso o autor defende como solução para desigualdade educacional entre sistema público e privado, o estímulo a consciência fonológica através de jogos desde a Educação Infantil e de maneira mais intensificada a partir do último ano deste seguimento a “iniciarem de modo mais sistemático, uma vivência de reflexões sobre as palavras orais e escritas, sem que isso implique em receberem um ensino deliberado das correspondências grafema-fonema do português” (p.68). Uma forma de estimular tais reflexões é investir em atividades lúdicas como jogos, brincadeiras e cantigas da tradição popular que favoreçam a percepção das rimas e aliterações.

Na escola privada onde a pesquisa aconteceu, as crianças que atualmente estão no 1º ano do ensino fundamental tiveram poucos estímulos nesse sentido no último ano da Educação infantil em virtude da pandemia conforme já mencionado no questionário as professoras. Por isso, uma das propostas para remediar a situação foi investir de maneira mais acentuadas em atividades de consciência fonológica, como uma maneira de remediar os prejuízos que os alunos não tiveram no ano retrasado.

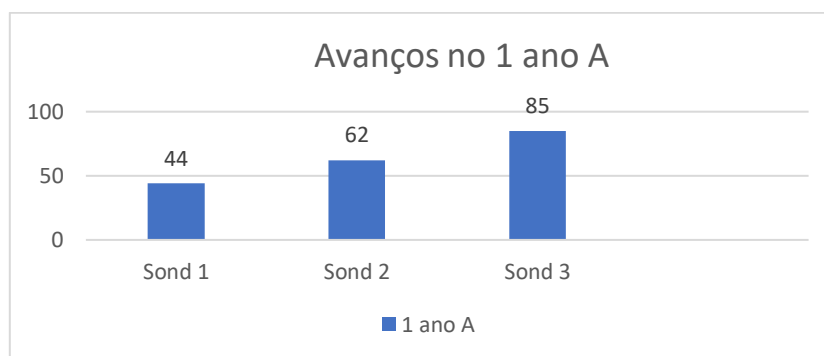
Outra categoria de enfoque foi o conhecimento de letras. Soares (2020) afirma que “o conhecimento de letras é, pois, componente fundamental da compreensão do

princípio alfabético” (p.209). Sem o conhecimento das letras as crianças não avançam nos níveis de escrita. Além de conhecerem as letras é preciso ensinar o som de cada uma. Ao brincarem com estes pequenos sons dos fonemas das letras através de jogos e atividades lúdicas com reflexões de palavras do cotidiano, as crianças memorizam os sons e desse modo começam a compreender as relações grafema-fonema. Partindo da perspectiva da psicogênese da língua escrita os professores receberam treinamentos e formações voltados para os temas da consciência fonológica e da aprendizagem dos sistema de escrita alfabético SEA, produções textuais, escrita espontânea e reflexão sobre as palavras para o avanço dos níveis de escrita.

Atividades englobando estes pressupostos foram repassadas para as docentes. A cada semana através do momento individual com a coordenação, cada professora levava o registro das atividades que havia realizado. Desse modo, foi possível perceber erros e acertos para nortear a prática das docentes com eficácia.

Após maior investimento nas atividades aprendidas na formação, foi possível observar a partir da segunda sondagem progressos significativos. Segue abaixo os resultados das três sondagens e seus respectivos avanços em cada turma.

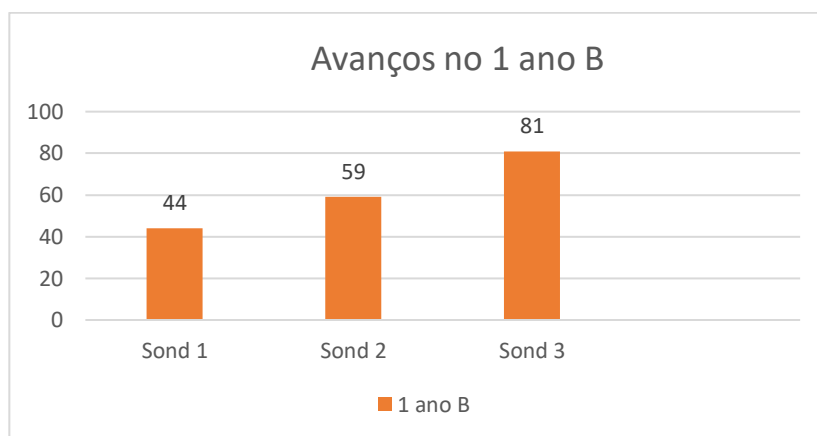
Gráfico 1 – Percentual de avanço para o nível silábico-alfabético na turma de **1º ano A.**



Fonte: própria autora.

De acordo com os dados do gráfico, desde a primeira sondagem houve um avanço de 48% dos alunos rumo a fase silábico-alfabética. A criança **A** escolhida para o acompanhamento, na primeira sondagem apresentou nível pré-silábico, na segunda sondagem, apresentou nível silábico sem valor sonoro e na terceira sondagem já foi para o silábico-alfabético.

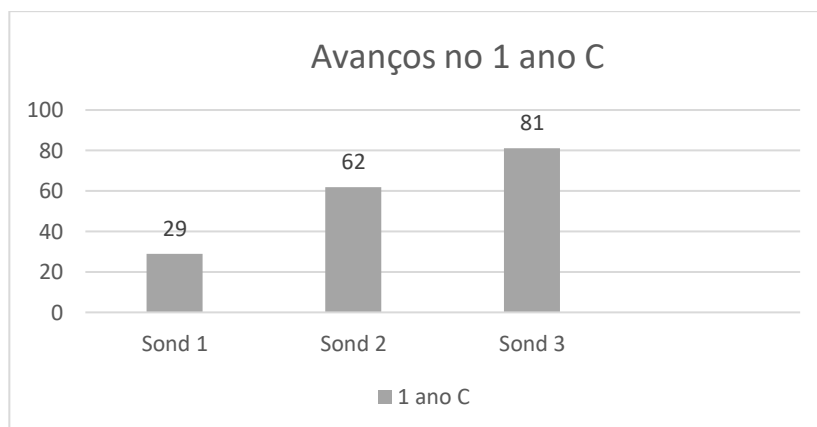
Gráfico 2 – Percentual de avanço para o nível silábico-alfabético na turma de **1º ano B.**



Fonte: própria autora.

Nesta turma, o avanço foi de 37% em direção a fase de escrita analisada. A criança **B** escolhida para o acompanhamento, na primeira sondagem apresentou nível pré-silábico, na segunda sondagem, nível silábico com valor sonoro e na terceira, silábico-alfabético.

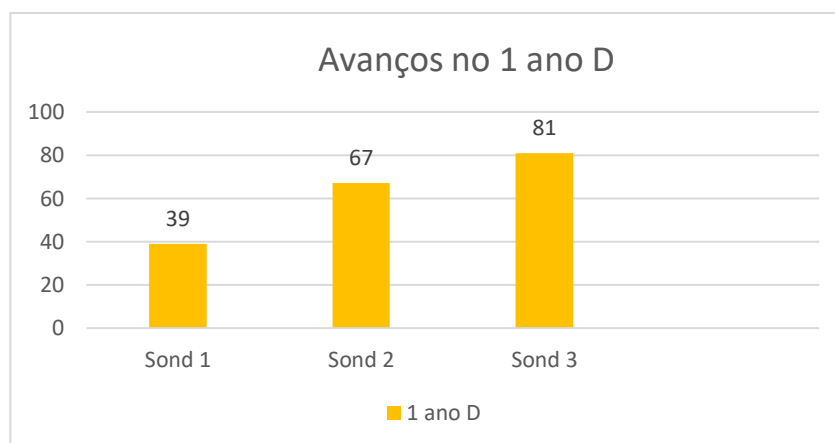
Gráfico 3 – Percentual de avanço para o nível silábico-alfabético na turma de **1º ano C.**



Fonte: própria autora.

A turma do 1 ano C teve um avanço de 52% em relação a primeira sondagem com base na mesma meta. A criança **C** escolhida para o acompanhamento, na primeira sondagem apresentou nível pré-silábico, na segunda sondagem continuou em nível pré-silábico e na terceira apresentou silábico-alfabético.

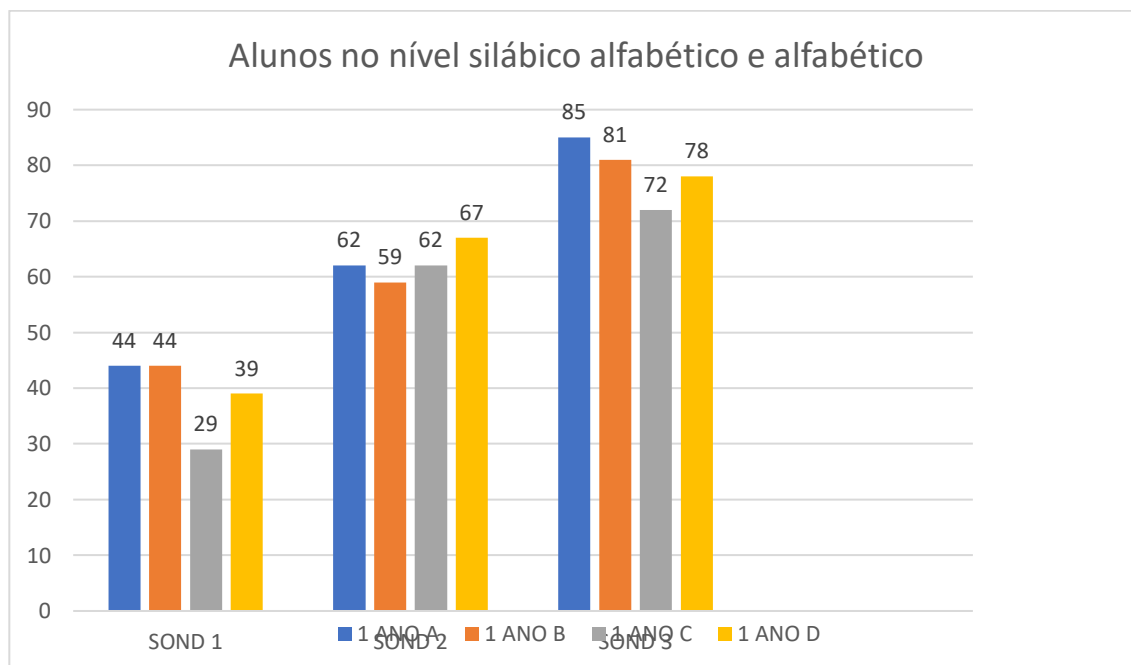
Gráfico 4 – Percentual de avanço para o nível silábico-alfabético na turma de **1º ano D.**



Fonte: própria autora.

Nesta turma o avanço foi de 42%. A criança **D** também iniciou o ano no nível pré-silábico, na segunda sondagem já alcançou o nível de escrita silábico-alfabético e na terceira sondagem manteve-se no mesmo nível. Abaixo segue o gráfico com o rendimento total das 4 turmas até agosto de 2022.

Gráfico 5 – Percentual de avanço para o nível silábico-alfabético e alfabético nas turmas de 1 ano A, B, C e D.



Fonte: própria autora.

Nota-se que, da primeira à última coleta, as crianças evoluíram bastante nas hipóteses de escrita. Não foram encontradas grandes diferenças no percurso das turmas, pois ambas crescem na mesma proporção. Na primeira sondagem no início do ano a porcentagem de alunos que já haviam chegado a uma hipótese silábico-alfabética ou alfabética era menos de 50% da turma.

A partir das análises com crianças escolhidas de cada turma, notou-se que algumas crianças avançaram mais rápido que outras. Vimos por exemplo que as crianças A, B, C e D, ambas começaram o ano em hipóteses pré-silábicas e evoluíram em ritmos bem singulares. Enquanto o aluno D, na segunda sondagem já tinha alcançado uma fase silábico-alfabética, seus colegas A, B e C só apresentaram esta hipótese na terceira sondagem. Percebeu-se que o aluno A chegou à hipótese silábico sem valor sonoro antes de ir para silábico-alfabética, já o aluno B revelou hipótese silábico com valor sonoro antes de ir para fase silábico-alfabética, o que mostra que a fase silábica sem e com valor sonoro de é uma fase que pode ocorrer avanços muito

rápidos. O aluno A passou pela fase silábica com valor sonoro, porém, em um período de tempo curto e logo já avançou para próxima. Há ainda casos como do aluno D, em que na segunda sondagem revelou-se silábico-alfabético tendo partido do pré-silábico e avançando dois níveis silábicos apenas no intervalo de uma das sondagens. Pode-se concluir que “o ritmo de apropriação do sistema de escrita alfabética tende a depender bastante das práticas de ensino que a escola desenvolve.” (Morais, 2012, p. 71).

Desse modo, se a escola promover formações, estiver alinhada a metas para que cada docente saiba justificar suas ações, os alunos avançarão. Implementar boas teorias na prática é o melhor caminho para rever os efeitos colaterais deixados pela pandemia na educação. Não basta apenas identificar os níveis de escrita, é preciso fazer um trabalho intencional com atividades que favoreçam o avanço das fases. Para isso, o planejamento e a avaliação são essenciais. Ao planejar, a escola define onde pretende chegar, ao avaliar percebe se os resultados estão sendo eficazes e desse modo, consegue intervir e redimensionar o ensino, ajustando-o as necessidades vigentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo pode-se perceber os retrocessos que a pandemia trouxe para a educação. Embora no ensino privado tenha havido maior disponibilidades de recursos e participação dos alunos, ainda assim foi possível perceber o déficit na aprendizagem das crianças. Contudo, se houver uma prática direcionada e pensada em prol de corrigir as deficiências na educação neste período é possível reverter este quadro. A proposta deste estudo seguiu as linhas metodológicas de alguns autores como Soares (2020) e Moraes (2012) e Ferreira (1999), que acreditam que no processo de alfabetização as crianças passam por fases na escrita que devem ser estimuladas, que é preciso levar em conta o ensino explícito do sistema de escrita alfabético, investir em atividades de reflexão sobre os sons da língua com consciência fonológica e o reconhecimento de letras.

Partindo do estímulo a estas propostas e implementando-as na prática foi possível reverter o quadro inicialmente negativo do início do ano onde a maior parte dos alunos encontravam-se pré-silábicos vindos do último ano da educação infantil com pouco ou nenhum estímulo sobre os sons das palavras. Para isto fez-se necessário investir em formação continuada para os professores alfabetizadores para que pudessem alinhar a teoria e a prática e assim conseguissem entender de fato como aplicar a teoria em sala de aula. Os resultados das avaliações da escrita mostram o crescimento na aprendizagem das turmas a cada sondagem. Se houver um ensino ajustado as necessidades dos alunos com metas bem traçadas é possível chegar ao final do ano em nível alfabético e estar livre do fracasso escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABALF, Associação Brasileira de alfabetização. **Posicionamento da ABALF sobre a reposição de aulas na Educação Básica**. Ofício n. 16/99 – GOE-APLO, 16/04/2020. Disponível em: https://28473cf1-9f63-40b0-b146-f3b3c65a8b23.filesusr.com/ugd/64d1da_02d84c489f924895a8ceb7ffc60fe062.pdf. acesso: 10/09/2022.

ANDRADE, A. N.; MEDEIROS, J. C.; LOBO, H. B.; GOMES, S. M. M.; COSTA 1J. W. R.; GONÇALVES, C. B.; BAPTAGLIN, L. A. **Discentes e docentes com-TD: desafios e perspectivas na educação na/da Amazônia brasileira em tempos de Covid-19**. Disponível em: Alunos-e- professores-com-tecnologia-digital: desafios e perspectivas na educação na/da amazônia brasileira em tempos de Covid-19 | International Journal of Development Research (IJDR) (journalijdr.com).

BARROS, Ricardo. Paes. MACHADO, Lauro Muller. **Perda de Aprendizagem na Pandemia**. Instituto Unibanco. 2021. Disponível em: Estudo Perda de aprendizagem na pandemia - Instituto Unibanco.

CAMARGO, C.A.C MAIA, ET AL. **A importância da motivação no processo ensino-aprendizagem**. Revista Thelma. Minas Gerais. 2021. Disponível em: [darsand,+1284-Final \(1\).pdf](#).

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: Repositório Institucional da UnB: O ensino remoto no Brasil em tempos de

pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. Acesso em: 10/09/2022.

EM REDE, A. **Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19 - Relatório técnico (parcial)**. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 13, p. 185-201, 3 dez. 2020. Disponível em: ALFABETIZAÇÃO EM REDE | Revista Brasileira de Alfabetização (revistaabalf.com.br).

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

HOOKER, Carl. **Um guia para os pais que ensinam em casa. Conselho e dicas para ajudar os pais que de repente estão ensinando em casa**. Tech & Learning, maio 2020. Disponível em: <https://www.techlearning.com/how-to/a-guide-for-parents-teaching-at-home>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

HUSCHEL et al. **Ensino remoto no contexto de uma instituição privada**. Revista Fapergs. 2020.

IBGE. 2021. **NOTA TÉCNICA: IMPACTOS DA PANDEMIA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS**. Disponível em: [digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf](#) (todospelaeducacao.org.br).

LIMA et al. **Os desafios encontrados pela docência no ensino remoto em tempos de pandemia da covid-19: uma revisão bibliográfica**. Revista Rease. 2020. Disponível em: [64-860-873-doi-os-desafios-encontrados-pela-docncia-no-ensino-remoto-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19-uma-reviso-bibliografica](#) (2).pdf

MIRANDA E LIMA. **Ensino remoto e desigualdades escolares durante a pandemia de covid-19**. 2021. Disponível em: [ensino-remoto-e-desigualdades-escolares-durante-a-pandemia-de-covid-19-cecilia-coutinho-de-miranda-frederico-alves.pdf](#) (ufmg.br).

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (como eu ensino).

OLIVEIRA, A. M. G; ALENQUER, S. O. **Educação básica no estado do Amazonas em tempos da pandemia do covid-19**. O XII Seminário Regional Sudeste da ANPAE – 2020. Disponível em: [educacao em tempos de cobid amazonads.pdf](#).

QUEIROZ, V. C. B. **A experiência da aprendizagem remota: quanto tempo demais na tela?** 2020. Disponível em: [Artigo-tempo-de-tela-versao-final-convertido.pdf](#) (loyola.g12.br).

RONDINI, Carina. Alexandra; PEDRO, Ketilin. Mayra; DUARTE, Cládia. dos Santos. **Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis**

docente. educação, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57. Disponível em: Acesso em: 10, de setembro de 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ª edição. 4ª reimpressão. São Paulo. 2020.

UNICEF. **Crianças de 6 a 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar na pandemia**, alertam UNICEF e Cenpec Educação. 2021. Disponível em: Crianças de 6 a 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar na pandemia, alertam UNICEF e Cenpec Educação.